

## A tradição dos cantautores na música popular brasileira

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ST7 - Música Popular e Interdisciplinaridade

*Lienne Aragão Lyra*  
UERJ / UniRio  
*liennelyra@gmail.com*

*Flávio de Souza Melo*  
UniRio  
*flavio.pianoevoz@gmail.com*

**Resumo.** O artigo analisa a cena musical brasileira, desde meados do século XX, a partir da tradição dos *cantautores*. Este neologismo vem sendo cada vez mais utilizado para tratar dos cantores-compositores da música popular brasileira. Ao elencar nomes do cenário musical brasileiro, demonstra-se a existência de uma longa tradição de cantores-compositores, que segue repercutindo no tecido social e na configuração midiática do Brasil do século XXI. Ao analisar contribuições de José Miguel Wisnik para as áreas de Literatura e Música, o artigo aborda o papel social do cantor, do compositor e da canção, como também seu papel ritualístico na elaboração do mundo. Dialoga também com Luiz Tatit, ao cruzar seu conceito de *cancionista* com a noção de *cantautor* aqui apresentada. Realiza, ainda, levantamento das menções à figura do cantautor em artigos de diversas áreas e na prática musical contemporânea, apontando para a relevância crescente da noção de *cantautor* na vida acadêmica e prática do músico brasileiro.

**Palavras-chave.** Cantautor; Cantor-compositor; Cancionista; MPB, Música popular brasileira.

**Title.** The Tradition of *Cantautores* (singer-songwriters) in Brazilian Popular Music

**Abstract.** This article analyzes the Brazilian musical scene since the mid XX century, through the tradition of *cantautores* (*singer-songwriters*). As it is a new word in Brazilian Portuguese, the article contextualizes contemporary usage of the term. By analyzing aspects of Brazilian musical scenery since the mid-XX century, this article demonstrates the existence of a long tradition of Brazilian singer-songwriters, that have repercussions to this day for Brazilian society and for the configuration of XXI century media. Starting from the contributions of José Miguel Wisnik, this article approaches the social role of the singer, the songwriter and the song itself, as well as its sacred and ritualistic role in our elaboration of the world. The article is also in dialogue with Luiz Tatit, as it crosses the author's concept of *cancionista* with the aforementioned notion of *cantautor* (*singer-songwriter*). In addition, this article provides data about mentions to the notion of *cantautor* in other articles, as well as in the practical life of contemporary Brazilian musicians. Therefore, it infers the relevance of singer-songwriters on those instances.

**Keywords.** Cantautor; Singer-songwriter; MPB; Brazilian Popular Music.

## 1. A tradição dos cantautores na música popular brasileira

O Brasil possui uma vasta tradição de *cantautores*, tradição que se mostra relevante na construção da vida cultural do país até hoje. A palavra se refere aos cantores-compositores que, munidos de ideias, de musicalidade e da própria voz, movem afetos e cantam a realidade do povo. Este artigo promove reflexão sobre a atuação desses artistas no Brasil e evidencia suas contribuições para a música e para a sociedade. Ainda, sugere a utilização do termo *cantautor* para denominar os representantes dessa tradição brasileira.

A palavra, já muito difundida entre artistas falantes de espanhol e italiano, é um neologismo em língua portuguesa e vem sendo usado de forma crescente no mercado musical brasileiro. O termo também é uma tradução adequada para '*singer-songwriter*', bastante empregado na língua inglesa. O significado é o mesmo em todos estes idiomas: cantautores são artistas que compõem e interpretam como cantores suas próprias canções.

A problematização da figura do cantautor está em consonância com o trabalho de pensadores brasileiros da canção. Dialoga, por exemplo, com a noção de *cancionista*, descrita por José Luiz Tatit, e com as reflexões sobre a canção e o papel social do cantor-compositor na obra de José Miguel Wisnik. Os autores não mencionam diretamente o termo *cantautor*, mas permeiam a noção em diversas frentes, dimensionando a relevância dessa figura na sociedade.

Ao observar o fenômeno dos cantores-compositores no Brasil, partindo de uma amostra de nomes da MPB desde a *Era dos Festivais* (numa reflexão sobre o período a partir do livro homônimo de Zuza Homem de Mello, de 2013), este artigo levanta a hipótese de que a figura do cantautor é capaz de resumir toda uma tradição brasileira, mesmo que a incorporação da palavra seja recente. Nomes como Dorival Caymmi, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Joyce, João Gilberto, Lenine e outros ilustram essa tradição brasileira.

## 2. Quem são os cantautores?

A figura do cantautor é aqui compreendida como o artista popular que compõe e interpreta suas próprias canções. No Brasil, a categoria cantor-compositor tem uma extensa tradição de representantes, encontrados em inúmeros gêneros musicais — sobretudo na MPB. O uso explícito do termo *cantautor* vem crescendo nos últimos anos, com muitos artistas jovens se identificando diante do mercado musical como cantautores. Possivelmente por influência dos países vizinhos de língua espanhola, o *Youtube* e as redes sociais já têm diversos vídeos e

*tags*<sup>1</sup> de músicos brasileiros que se inserem nessa categoria de artistas que cantam as canções que eles mesmos criam.

Além dos resultados de busca nas redes sociais e no *Youtube*, há evidências para o mercado musical e para o ambiente acadêmico de que a categoria vem se estabelecendo. Este artigo elenca referências acadêmicas e ocorrências práticas que demonstram a importância do cantautor para a sociedade brasileira. Para além do termo em si, essas evidências apontam para o fato de que o cantautor não é a mera junção de funções de um compositor e de um intérprete.

Ao valorizar a musicalidade da palavra, a interpretação e aquilo que o artista tem a dizer, o cantautor é quem dá voz às inquietações de um povo, é quem encanta através de um canto que é quase a fala, uma fala sua e de sua gente. Ele não poderia ser nem somente intérprete: ele tem muito a dizer; nem somente compositor: é na sua voz que a canção tem mais verdade. O cantautor pode até emprestar suas composições e sua voz a outros artistas, mas o cerne de sua atividade musical é cantar aquilo que compõe.

### **3. O cantor-compositor: a relevância social do cantautor**

Enquanto a noção precisa de *cantautor* é nova em nossa língua, a persona do cantor popular que compõe seu próprio repertório não é novidade no mundo acadêmico, assim como a reflexão sobre a função da canção popular na sociedade. Nesta seção, serão discutidos dois autores que tratam da canção popular brasileira e seus cantores-compositores; nas próximas, serão apresentadas ocorrências do termo *cantautor* em artigos acadêmicos e na vida prática do músico brasileiro contemporâneo.

#### **3.1 José Miguel Wisnik, a canção, a voz e o tempo**

José Miguel Wisnik, músico, compositor, autor e professor de Literatura Brasileira da USP, aborda, entre os muitos assuntos de sua vasta obra, a importância do compositor popular junto ao tecido da sociedade. No livro *Sem receita*, o autor faz uma ponte entre a música popular e a literatura ao analisar diversos contos de Machado de Assis.

Wisnik afirma no ensaio *Machado Maxixe* que a música popular é o fenômeno que melhor expressa as transformações e os conflitos sociais brasileiros: “Machado de Assis foi quem primeiro percebeu — e muito precocemente, no apagar das luzes do Império — a

---

<sup>1</sup> *tags*: do inglês, serve para otimizar buscas no *Google*, *Youtube* e redes sociais.

dimensão abarcante que assumiria a música popular no Brasil como instância a figurar e a exprimir, como nenhuma, a vida brasileira como um todo.” (2004, p. 79)

Desta vez no livro *O som e o sentido*, Wisnik correlaciona música erudita, música popular, canção popular e o sentido do tempo, abrindo uma série de discussões que colocam a canção popular no centro da percepção de mundo e da vivência do tempo nas sociedades.

Correndo por fora da tradição da música erudita, músicas populares continuaram a fazer os seus sons, que se misturaram em democráticas mixagens e assumiram lugares singulares de modernidade. A música europeia se juntou com a africana no território das Américas. Esse evento é produtor de uma extraordinária força multiplicadora: ele contribuiu para criar experiências de tempo musical de uma grande complexidade e sutileza. (...) Essas músicas fazem parte do processo de codificação das relações entre som, ruído e silêncio (...), como modos de trabalhar sobre o caráter *simultaneamente rítmico e arrítmico do mundo*. (...) É preciso dizer também que, em todo esse processo, a canção (ou certa linha de canções) funciona como um verdadeiro equilibrador ecológico (as canções são a reserva de oxigenação da música e do mundo simbólico). (WISNIK, 2017, p. 57)

Para além da relação filosófica da canção popular com a percepção do tempo, Wisnik ressalta, ainda, a dimensão *encantada* da voz. O autor atenta para o fato de que a música está presente em todos os mitos de criação do mundo desde o alvorecer dos povos, e que a voz tem papel central no rito e no modo de vivenciar o espaço e o tempo.

Sempre que a história do mundo fosse bem contada, ela revelaria a natureza essencialmente musical deste. A música aparece aí como o modo da *presença do ser*, que tem sua sede privilegiada na voz, geradora, no limite, de uma proferição analógica do símbolo, ligada ao centro, ao círculo, ao mito/rito e à encantação como modo de articulação entre a palavra e a música. (WISNIK, 2017, p.39)

O excerto de Wisnik, que atrela as narrativas originárias à potência da voz, destaca a importância do par *música-presença*; o caráter ritualístico e criador da música, a potência da roda. É possível detectar narrativas desta ordem na fundação de civilizações em todo o mundo, inclusive na cosmogonia afro-ameríndia brasileira. Observe-se o mito originário *Orunmilá traz a festa como dádiva de Olodumare*, extraído do livro *Mitologia dos orixás*, de Reginaldo Prandi (2001, p. 446):

Dizem que certa vez Orunmilá veio à Terra  
acompanhando os orixás em visita a seus filhos humanos,  
que já povoavam esse mundo, já trabalhavam e se reproduziam.  
Foi quando ele humildemente pediu a Olorum-Olodumare

que lhe permitisse trazer aos homens  
algo novo, belo e ainda não imaginado,  
que mostrasse aos homens a grandeza e o poder do Ser Supremo.  
E que também mostrasse o quanto Olorum  
se apraz com a humanidade.  
Olodumare achou justo o pedido  
e mandou trazer a festa aos humanos.  
Olodumare mandou trazer aos homens a música, o ritmo, a dança.  
Olodumare mandou Orunmilá trazer para o Aiê os instrumentos,  
os tambores, que os homens chamaram de ilu e batá,  
os atabaques que eles denominaram rum, rumpi e lé,  
o xequerê, o gã e o agogô e outras pequenas maravilhas musicais.  
Para tocar os instrumentos, Olodumare ensinou os *alabês*,  
que sabem soar os instrumentos que são a voz de Olodumare.  
E os enviou, instrumentos e músicos, pelas mãos de Orunmilá.  
Quando ele chegou à Terra, acompanhando os orixás  
e trazendo os presentes de Olodumare,  
a alegria dos humanos foi imensa.  
E, agradecidos, realizaram então  
a primeira grande festa neste mundo,  
com toda a música que chegara do Orum como uma dádiva,  
homens e orixás confraternizando-se com a música e dança recebidas.  
Desde então a música e a dança estão presentes na vida dos humanos e são uma  
exigência dos orixás quando eles visitam nosso mundo.

Destaca-se que os instrumentos que os humanos tocam são a própria voz do orixá Olodumare, o início de tudo, o eterno destino na cosmogonia Yorùbá. O mito de Orunmilá e Olodumare demonstra como, desde as primeiras explicações do mundo, a música e os instrumentos são algo daquilo que é supremo e divino — reflexo na Terra da própria voz do orixá criador.

Seja para falar da cosmovisão dos povos ou de experiências de tempo musical nas Américas da modernidade e da contemporaneidade, os escritos de José Miguel Wisnik apontam para a centralidade da canção na experiência humana. Através dos tempos, sistemas e formas de ver o mundo, surgem diferentes formas de articulação entre a palavra e a música, tendo sempre a voz como vetor.

### 3.2 Luiz Tatit e o cancionista

Voltando os olhares para o cenário da canção brasileira a partir do século XX, Luiz Tatit — também músico, compositor, autor e professor da USP (Linguística) — dedicou um livro inteiro ao conceito de *cancionista*. Em *O cancionista: composição de canções no Brasil* há uma extensa análise de canções icônicas, compostas por grandes nomes da música brasileira.

O parâmetro principal da análise é a *dicção* da letra e da melodia na canção popular, na defesa de que o grande mérito do cancionista é aproximar o canto da fala.

Apesar de o conceito de Tatit ser mais abrangente<sup>2</sup>, existem indícios de que o seu cancionista se aproxima da noção por nós apresentada de cantautor. O mais contundente deles está no sumário do livro:

1. Dicção do cancionista
  2. Autores e Obras
    - Dicção de Noel Rosa
    - Dicção de Lamartine Babo
    - Dicção de Ary Barroso
    - Dicção de Dorival Caymmi
    - Dicção de Lupicínio Rodrigues
    - Dicção de Luiz Gonzaga
    - Dicção de Tom Jobim
    - Dicção de Roberto Carlos
    - Dicção de Jorge Ben Jor
    - Dicção de Chico Buarque
    - Dicção de Caetano Veloso
- Conclusão (TATIT, 2012, p.7)

Basta observar o sumário para identificar que a maioria dos artistas cuja obra foi efetivamente analisada em *O cancionista* é de cantores-compositores. Só Lamartine Babo e Ary Barroso compunham mas não eram cantores — e, mesmo assim, ambos chegaram a gravar alguns fonogramas cantando suas composições. Até Roberto Carlos, mais conhecido como cantor, assina parcerias com Erasmo Carlos. Todos os outros se encaixam na definição de *cantautor*: o artista que tem como principal faceta cantar as músicas que ele mesmo compõe.

Noel Rosa, Dorival Caymmi, Lupicínio Rodrigues, Luiz Gonzaga, Tom Jobim, Jorge Ben Jor, Chico Buarque e Caetano Veloso são os demais artistas presentes no sumário de Tatit. Todos têm uma obra significativa como intérpretes de suas próprias composições, com discos gravados, participação em programas de televisão, perfis e biografias onde constam como cantores e compositores.

Até Tom Jobim, reconhecido no Brasil sobretudo pela obra como compositor e pianista, gravou vários discos na função de voz solo ou voz principal. Portanto, de onze cancionistas analisados por Tatit, dois eram apenas compositores e um tem como atividade

---

<sup>2</sup> "O compositor traz sempre um projeto geral de dicção que será aprimorado ou modificado pelo cantor e, normalmente, modalizado e explicitado pelo arranjador. Todos são, nesse sentido, cancionistas." (TATIT, 2012, p. 11)

principal o canto. Oito podem ser considerados cantatores, exercendo as funções de cantor e compositor de forma equilibrada ao longo da carreira.

Mesmo que estes cancionistas/cantatores também tenham sido gravados por outros intérpretes, isto não retirou a relevância da versão do compositor. Noel Rosa, por exemplo, foi gravado por Aracy de Almeida e Carmem Miranda; Lupicínio, por Paulinho da Viola e Elza Soares, Chico Buarque pelo MPB-4, Nara Leão, Maria Bethânia e tantos outros. No entanto, ao pensar na obra desses artistas, em muitos casos a primeira lembrança que vem à mente é a de suas próprias vozes, mesmo que suas músicas tenham sido imortalizadas também por grandes intérpretes.

Alguns exemplos deste efeito podem ser observados ao contabilizar as visualizações de certas canções no *Youtube*. O registro mais ouvido de *Asa Branca* é de Luiz Gonzaga, em vídeo ao vivo acompanhado por Sivuca, Dominginhos e Guadalupe. O vídeo conta com uma participação bastante discreta de Fagner nos vocais (cantando uma estrofe na metade da música); assim, a voz que conduz a gravação é a de Luiz Gonzaga. Este vídeo possui 47 milhões de visualizações, superando em muito as gravações de Caetano Veloso (1971), com 118 mil *views*; o vídeo de Caetano Veloso para uma televisão francesa (1972), com 107 mil; a icônica apresentação de Elis Regina e Hermeto Pascoal no festival de Montreux (1979), com 100 mil; e a gravação de Gilberto Gil (2000), com 25 mil acessos.

*Chega de Saudade*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, tem muitas gravações, sendo as mais acessadas no *Youtube* as de Tom Jobim (1987 e 1986) e as de João Gilberto para o álbum *Chega de Saudade* (1959) e Gal Costa ao vivo (1999). A diferença é grande: a gravação de estúdio de Jobim aparece em dois vídeos, um com 9,7 milhões de *views* e outro com 7 milhões. Sua apresentação em Montreal tem 2,9 milhões de acessos. Já a gravação de João Gilberto tem 4,3 milhões de *views* e o ao vivo de Gal Costa, 2,2 milhões.

A *Marina* de Dorival Caymmi aparenta ter relevância da mesma ordem na voz do autor e na de Gilberto Gil. A versão de Dorival conta com 711 mil acessos apenas no primeiro vídeo da busca; mais 50 mil no segundo. O vídeo com mais visualizações é uma apresentação ao vivo com arranjo simples de voz e violão, que escancara a emissão potente do cantautor e sua constante alternância com uma dicção de fala. Já a gravação orquestral de Gilberto Gil para o disco *Realce* (1979), que é um registro influenciado pela dinâmica da tropicália e marcado pela dicção inventiva do artista, tem 418 mil acessos e o segundo, 373 mil.

Também é possível verificar um efeito contrário a este, quando o cantautor interpreta canções de outros compositores: a singularidade de sua emissão e sua performance vocal única levam o cantautor a se apropriar da canção como se fosse sua. Dorival cantou Ary Barroso; um dos maiores sucessos de Caetano é uma composição de Peninha; Chico gravou uma música de Paulinho da Viola que todos disseram que parecia ser dele<sup>3</sup>. Mesmo gravando também como intérpretes, os oito têm obras consolidadas como compositores, um estilo e um repertório próprio que reflete suas identidades como artistas. Essa identidade do cantautor vem tanto de sua criatividade com as palavras, melodias e harmonias quanto de seu timbre, entonação, recursos vocais e da emoção que é capaz de imprimir ao canto.

Assim, pode-se afirmar que a noção de cantautor está contida no conceito de cancionista cunhado por Tatit. Embora seu termo seja mais amplo, observa-se a importância conferida em sua análise aos processos de composição, à prosódia, à melodia, às temáticas e ao aspecto de fala presente no canto. A conjunção de todos esses fatores é o que faz a obra do cantautor ser única, cheia de personalidade. É por isso que, dos onze artistas que Tatit analisou em *O cancionista*, oito podem ser chamados de cantautores segundo a definição desta pesquisa.

#### **4. Ocorrências do termo *cantautor* no ambiente acadêmico**

As contribuições de Wisnik e Tatit ajudam a compreender por que discutir a figura do cantautor. Mas por que não chamá-la de cantor-compositor, ou aderir ao termo *cancionista* empregado por Tatit? De onde veio este neologismo? Por que podemos supor que ele é adequado para tratar dessa figura? A resposta está no fato de que o termo já se encontra em uso no Brasil.

Podemos supor que o termo se disseminou por influência dos vizinhos latinoamericanos ao fazer, por exemplo, buscas por “cantautor” no *Google Scholar* e *Youtube* (este com critério de mais visualizações). Com as configurações do sistema e do navegador em português, todos os resultados não patrocinados da primeira página (à exceção de um do *Youtube*) são canções e artigos em espanhol.

Nas buscas pelo *Scholar*, foram encontradas centenas de artigos em língua espanhola com ocorrências da palavra *cantautor*. Aqui, nossa atenção estará voltada para aqueles encontrados em português, apresentando inicialmente um em língua espanhola, a título de

---

<sup>3</sup> LP *Um interpreta o outro*, de Dorival Caymmi e Ary Barroso (Odeon, 1958); Sozinho (CD *Prenda minha*, Polygram, 1998); Sinal Fechado (LP *Sinal fechado*, Philips, 1974).



exemplificação. Assim, a seguir, estão alguns artigos acadêmicos encontrados por esta pesquisa que apresentam reflexões sobre essa figura da música e da cultura.

A primeira fonte é um artigo de Daniela Vargas publicado na Revista de Estudios Sociales, uma publicação colombiana. O termo é de uso corrente no espanhol e no italiano, e seu uso no Brasil é, possivelmente, um empréstimo da língua de nossos países vizinhos. O artigo discorre sobre a obra do cantautor cubano Silvio Rodríguez, e, como os demais de língua espanhola encontrados por esta pesquisa, emprega o termo sem a necessidade de notas de rodapé ou contextualizações no corpo do texto.

Como menciona o cantautor cubano Silvio Rodríguez, em uma entrevista da revista La Bicicleta (Godoy, 1984), “a canção se fez pequena” frente à agitação produzida pelo golpe e pelos os dias que se seguiram, pois quem realmente cantava era a terra, a multidão comovida, a multidão transtornada pelo golpe que apagou seus sonhos. (VARGAS, 2017, n. 59, p.151-161) [tradução dos autores]

A segunda fonte, entrando nas ocorrências da palavra em artigos em português brasileiro, emprega o termo com a mesma fluência encontrada nos artigos em espanhol. O autor Felipe Viana Estivalet analisa a obra do gaúcho Vitor Ramil, designando o artista como cantautor em toda a extensão do artigo, pressupondo que o uso da palavra é corrente. Uma observação possível a partir do texto de Estivalet é a de que o termo está associado ao artista popular, aquele que transita com suas canções pelo ambiente midiático. A forma musical é o aspecto que Estivalet e Ramil comentam no trecho a seguir:

A maior parte do trabalho de Vitor Ramil orbita na forma que é seguramente dominante da música popular midiática: a canção. Nas palavras do próprio cantautor, ao procurar teorizar sua produção musical:  
“O predomínio da canção. Música e letra. Longas canções lineares, pequenas canções de segundos (não vinhetas) e as deliciosas formas comuns tipo AABAB e variantes. Jamais encheção de linguiça (repetir a letra, solos ou falas gratuitas, etc.). Pequenas, grandes, com refrão, sem refrão: todas canções igualmente densas, exatas em sua duração. Cada canção impõe sua concepção. Mas há uma concepção para todas as canções.” (ESTIVALET, 2017, p. 66)

Na terceira fonte, de maneira similar, Maria das Dores Nogueira Mendes se debruça sobre a obra do cearense Belchior e chama-o de cantautor algumas vezes ao longo do texto, sem fornecer detalhes a respeito do termo. A análise de Mendes trata da técnica vocal de Belchior e da adequação do timbre único do artista à temática de seu repertório. A autora afirma que a voz de Belchior é excessivamente nasal e que lhe falta técnica — e que tudo isto contribui

para a qualidade musical de sua obra. Parece chamá-lo de cantautor, precisamente, pelo casamento de seu timbre, a inflexão da voz, sua forma de abordar as temáticas, sua prosódia, seus caminhos melódicos. Tudo isso cria uma identidade artística única e autêntica: as canções de Belchior têm nele mesmo o intérprete ideal.

A posição polêmica do cantautor transforma em investimento as condições vocais de que dispõe, como ensina o poema *A palo seco*: “O cante a palo seco [...] / é o mesmo que cantar / num deserto sem sombra / em que a voz só dispõe/do que ela mesma ponha”. Desse modo, Belchior não é um cantor virtuose, pois investe apenas nos recursos vocais necessários para expressar o conteúdo das letras das canções que canta, ou seja, é como se o investimento vocal “comentasse” a letra, o que se adequa perfeitamente à estética do “necessário ao conteúdo” do posicionamento do Pessoal do Ceará. (MENDES, 2015, p. 19)

A quarta ocorrência do termo *cantautor* também reitera a palavra diversas vezes ao longo do texto. Pedro de Grammond e Souza, em sua análise da canção *Ganga-Zumbi* (Paulo César Pinheiro e Sérgio Santos), ressalta a relevância do cantautor no tecido social e faz em seu artigo uma análise musical e semiótica da canção. Mesmo empregando o termo *cantautor* em várias passagens do artigo, Souza demonstra cautela com o neologismo e faz uma nota de rodapé para explicar que o uso da palavra vem da língua espanhola. No entanto, o fonograma de referência para a análise do autor foi a apresentação de Sérgio Santos num evento chamado, precisamente, *Mostra Cantautores*, realizado anualmente em Belo Horizonte, e cuja relevância será abordada na próxima seção deste artigo.

Pensamos que o cantautor brasileiro, em sua complexidade, é o reflexo de uma cultura que teve profundo enlace com a canção. O canto tematizado vem desde nossos primórdios para mediar, através da arte, os diversos espaços sócio/culturais do país, e tem, na figura do cantautor, um grande representante. (SOUZA, 2019, p. 196)

Foram encontrados mais três artigos em português brasileiro que mereceram atenção<sup>4</sup> (listados nas referências bibliográficas). Todos citaram o termo *cantautor* uma única vez, demonstrando que o conceito não é decisivo para a argumentação dos autores. No entanto, cada uma tem um contexto que explica por que os autores recorreram ao termo em cada trecho específico: seja para agrupar Marisa Monte, Pitty e Milton Nascimento num contexto midiático

<sup>4</sup> (CATELÃO, MENDONÇA, MENON, OLIVEIRA, 2018, p. 47);  
(ANDRADE, FARIA e SILVA, 2017, p. 754);  
(COSTA, FILHO e MAIA, 2008, p. 13).

contemporâneo; seja para falar de um compositor inventivo e marcado por neologismos (Tom Zé); ou mesmo com certo anacronismo ao falar do sambista Cartola.

## 5. Evidências práticas da relevância do cantautor

Uma vez estabelecida a relevância da figura do cantautor na sociedade, resta apontar algumas evidências de que o termo está em uso no mercado musical brasileiro. Vários cantores-compositores que estão entrando agora no mercado estão se apresentando como cantatores, mas o maior exemplo de valorização desta figura é um evento que ocorre anualmente em Belo Horizonte: a Mostra Cantatores.

A Mostra teve sua primeira edição em 2011 e desde então contou com apresentações de João Bosco, Joyce, Zélia Duncan, Cátia de França, Jards Macalé, Chico César, Ilessi, Vitor Ramil, Xangai, Luiz Tatit, Marcelo Jeneci, Tiganá Santana, Guinga, Thiago Amud, Zé Miguel Wisnik, entre muitos outros artistas que se encontram em atividade na MPB. Sem coincidências, tanto Luiz Tatit quanto José Miguel Wisnik já se apresentaram na Mostra.

O *site* oficial do evento traz diversas citações de artistas que se apresentaram na Mostra e um texto que fala diretamente do cantautor e sua relevância social:

“Não havia uma Mostra como essa. Há uma mágica que acontece no encontro do autor com sua criação, nesse modo mais cru, e isso é algo riquíssimo para o público e para os artistas. É um formato que imprime marcas na nossa alma.”  
*Chico César*

“Perceber a canção na sua essencialidade é algo provocador e fundamental.”  
*Vitor Ramil*

“O violão e a voz são o corpo e a alma dos cantatores. Um festival como esse, que focaliza a composição, é muito importante pra manter a vivacidade da música feita hoje.”  
*Nelson Angelo*

“O cantautor tem uma missão muito importante: é ele quem revela a alma de um povo.”  
*Ceumar*

Figura indispensável à cultura, o cancionista que entoa suas próprias obras sempre teve um lugar privilegiado na história das civilizações. Os artistas solitários da palavra cantada carregam em sua música uma infinidade de narrativas, atualizando as mitologias urbanas e os valores de uma sociedade. Feito “antenas da raça”, artesãos do sensível, captam no ar as vibrações do afeto humano e as materializam em melodias e versos. Seja nos arrojados estilhaços estéticos propostos pela canção com traços acadêmicos, ou nos populares refrões que sintetizam sentimentos geracionais e são cantados por

multidões, o cantautor é o mago que modela o som na palavra, a palavra no tempo, a alquimia dos ritmos e das alturas. Transporta afetos indispensáveis à nossa atmosfera simbólica, e é por isso mesmo o rústico guardião de uma avançada tecnologia musical: o duo que tem consigo mesmo, cantando e tocando ao som de um único instrumento. A voz do cantautor nunca está só: ela é o espelho de toda uma comunidade. A Mostra Cantautores Belo Horizonte é um encontro intimista de criadores da canção contemporânea e tem por conceito-base a realização de apresentações solo, em que cantores-compositores tocam suas canções em formato bruto, acompanhados apenas por seu instrumento.

As citações de Chico César, Vitor Ramil, Nelson Angelo e Ceumar, o texto do *site* oficial da Mostra Cantautores, junto ao extenso rol de artistas que se apresentaram no evento já seriam suficientes para argumentar a importância atual do cantautor no Brasil — seja da palavra para o vocabulário, do artista para a música ou da persona para a sociedade. Mesmo assim, algumas outras evidências com relevância no mercado musical foram encontradas.

Uma busca no portal de notícias G1 resulta em várias páginas de notícias com menções ao termo, a maioria relacionada à Mostra Cantautores. No entanto, várias outras são ligadas a lançamentos de artistas como Thiago Ramil (RS) e Igor Carvalho (PE) ou a outros eventos, como o *Cena Cantautores*, coletivo de artistas de Brasília. Já no *site* brasileiro do El País, a busca resulta numa *tag* com várias matérias sobre artistas nacionais e internacionais.

No *site* da EBC, encontra-se uma matéria relativa ao programa *Musicograma*. Num episódio de 2013, os convidados foram João de Aquino e Paulo César Feital, e o jornalista que redigiu a matéria sobre o episódio (autor desconhecido) fez de todo o texto um verdadeiro elogio à expressão do cantautor. Num pequeno trecho, a matéria afirma: “quando uma canção traz tanta verdade que o prazer e a coragem de interpretá-la só podem ser assumidos pelo compositor, aí surge o cantautor”.

O termo também tem entradas em português na Wikipédia, Infopédia e Wikcionário, além de *hashtags*<sup>5</sup> de artistas brasileiros em todas as redes sociais. Mas uma das incidências mais relevantes até o momento remete a um artista em particular, um artista midiático, contemporâneo e que passeia pela MPB, o rock e os ritmos tradicionais do Nordeste. O *site* oficial do pernambucano Lenine, na seção *biografia*, exhibe o seguinte texto de Pedro Paulo Malta:

Não é sem razão que Lenine se diz um cantautor: o artista que canta suas próprias composições, ou – como faziam os trovadores do século 12 –

---

<sup>5</sup> *Hashtags*: também otimizam buscas em redes sociais. Precedidas do símbolo (#), agrupam as publicações com o mesmo assunto.

transforma em versos as questões, os amores e as sagas de seu tempo. Histórias à base de palavra e música: elementos que, para ele, andam juntos desde sempre. (MALTA, sem data)

A referência de Malta aos trovadores do final da idade média parece ter um propósito específico: quando Lenine diz que palavra e música andam juntas desde sempre para contar histórias, está afirmando que o cantautor é a voz do povo através dos tempos, em qualquer lugar. A menção específica aos trovadores do século XII se deu, possivelmente, por serem estes alguns dos registros mais antigos de que se tem notícia de um tipo de artista popular, este cantador dos amores e cronista das mazelas de seu tempo.

Seja esse ou qualquer outro o motivo da menção aos trovadores, o sentido a ser extraído do texto de Malta e da autoafirmação de Lenine como cantautor é a dimensão da relevância do cantautor desde os primórdios da humanidade. Ele é capaz de cantar a *alma*<sup>6</sup> de um povo, e sua mensagem se potencializa quando encontra num só artista a criação — a canção composta — e o corpo da palavra — a voz.

## 6. Conclusão

Os cantautores são parte indivisível da história da música popular brasileira. Eles traduzem em canção as mazelas do povo, transmitindo verdade em sua música e autenticidade em sua voz. No Brasil, a Era dos Festivais e seu aparato midiático consolidaram uma geração profícua de cantores-compositores, que hoje são percebidos como *cantautores* por novas gerações de músicos, que carregam esse legado adiante.

É possível verificar que o neologismo *cantautor* vem sendo cada vez mais incorporado à prática dos músicos brasileiros, tendo função de aglutinar coletivos, eventos, pessoas e obras; podendo ser usado também no ambiente acadêmico, para designar um perfil de artista. O cantautor brasileiro é aquele que: canta com dicção própria, próxima da fala, compõe suas próprias canções; muitas vezes acompanha a si mesmo num instrumento, às vezes empresta a voz, outras a obra; mas está sempre contando e cantando um pouco da alma do povo brasileiro.

---

<sup>6</sup> Alma, no sentido mencionado por Ceumar e Chico César no *site* da Mostra Cantautores (seção 5); e como sugerido na obra de Wisnik (seção 3.1).

## Referências

### Livros

MELLO, Zuza Homem de. *A Era dos Festivais: uma parábola*. Editora 34, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TATIT, Luiz. *O cancionista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: Uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WISNIK, José Miguel. *Sem receita*. São Paulo: Publifolha, 2004.

### Dissertação

ESTIVALET, Felipe Viana. *Além da estética do frio: as dinâmicas culturais das canções de Vitor Ramil*. 169 f. Dissertação em Música. Curitiba: UFPR, 2017

### Artigo em periódico

ANDRADE, Débora; FARIA, Angelina; SILVA, Luan Augusto. O processo de ensino-aprendizagem em corais infantojuvenis: um relato de experiência sobre o trabalho com a música Além do Mar, de Patrícia França. *Anais do II Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão*. p. 752-761. São João del-Rei: Editora UFSJ, 2017.

CATELÃO, Evandro; MENDONÇA, Guilherme; MENON, Maurício; OLIVEIRA, Marilu. Já é alvorada, irmã da manhã: o canto de esperança do sambista. *Revista A Cor das Letras*. v. 19, n. 1, p. 47-58. Feira de Santana: jan.-abr. 2018.

COSTA, Adelson; FILHO, Carlos Gomes; MAIA, Fernanda. Neologismos na música popular brasileira: Com defeito de fabricação, Tom Zé. *Revista Ao Pé da Letra*. v. 10.2, p. 11-30. Recife: Editora UFPE, 2008.

MENDES, Maria das Dores Nogueira. Um canto entre quatro paredes: a sensualidade no investimento vocoverbal de Belchior. *Revista Entrepalavras*, ano 5, v. 5, n. esp., p. 10-23. Fortaleza: ago-dez 2015.

SOUZA, Pedro de Grammont. Ganga-Zumbi: Análises e perspectivas sobre a canção. *Revista Tulha*, v. 5, n. 1, p. 195-232. Ribeirão Preto: jan-jun 2019.

VARGAS, Daniela Fazio. Corazón, canta y no llores, no llores que los dolores hay que espantarlos bailando. *Revista de Estudios Sociales*, n. 59, p. 151-161. Colômbia: jan-mar 2017.

## Fonogramas, LPs e CDs

CAYMMI, Dorival. Marina. In: *Heineken Concerts – Palace*. São Paulo: 1996. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=enUx5DMiFU8&ab\\_channel=Tauil](https://www.youtube.com/watch?v=enUx5DMiFU8&ab_channel=Tauil) > Acesso em 20 set 2023

\_\_\_\_. Marina. In: *Dorival Caymmi*. Continental: 1975. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=SealypBUK8c&ab\\_channel=RomyStills](https://www.youtube.com/watch?v=SealypBUK8c&ab_channel=RomyStills) > Acesso em 20 set 2023

\_\_\_\_. Marina. In: *Realce*. Intérprete: Gilberto Gil. WEA, 1979. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=K2ynJstfR2E> > e em < <https://www.youtube.com/watch?v=xbQvsmYA0T8> > Acesso em 20 set. 2023

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca ft. Fagner, Sivuca, Guadalupe. In: *Luiz Gonzaga Especial*. Direção: Maurício Tavares. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1984. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc&ab\\_channel=luizgonzagaVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc&ab_channel=luizgonzagaVEVO) > Acesso em 20 set. 2023

\_\_\_\_. Asa Branca. In: *Gilberto Gil e as canções de eu, tu, eles*. Warner Music, 2000. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=w4Ib48-O6gA&ab\\_channel=GilbertoGil-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=w4Ib48-O6gA&ab_channel=GilbertoGil-Topic) > Acesso em 20 set. 2023

\_\_\_\_. Asa Branca. In: *LP Caetano Veloso – 1971*. Polygram/Philips, 1971. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=uqfNMm8Or5A> > Acesso em 20 set. 2023

\_\_\_\_. *Caetano Veloso Asa Branca Discorama 1972*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=W59QQG2jLS8> > Acesso em 20 set. 2023

\_\_\_\_. *Elis Regina e Hermeto Pascoal Asa Branca Montreux 1979 (new audio)*. França: 1979. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qpmRE-v7wxw> > Acesso em 20 set. 2023

JOBIM, Tom; MORAES, Vinícius de. Chega de Saudade. In: *Tom Jobim inédito*. CBPO/BMG-Ariola. 1987. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tlp8iY4g--4> > e em < <https://www.youtube.com/watch?v=Ja-Ags-Yx84> > Acesso em 20 set 2023

\_\_\_\_. Chega de Saudade. In: *Chega de Saudade*. Intérprete: João Gilberto. Odeon, 1959. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=yUuJrpP0Mak> > Acesso em 20 set. 2023

\_\_\_\_. Chega de Saudade (ao vivo). Intérprete: Gal Costa. BMG Brasil, 1999. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7ErQv8vwStk> > Acesso em 20 set 2023

**Entrevista, notícia e material online**

EBC. *Cantatores: Paulo César Feital e João de Aquino*. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/musicograma/episodio/cantatores-paulo-cesar-feital-e-joao-de-aquino>> Acesso em 21 jan. 2023

El PAÍS. *Cantautor*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/noticias/cantatores/>> Acesso em 21 jan. 2023

G1. *Cantautor*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/busca/?q=cantautor>> Acesso em 21 jan. 2023

GOOGLE SCHOLAR. *Cantautor*. Disponível em: < [https://scholar.google.com/scholar?hl=en&as\\_sdt=0%2C5&q=cantautor&btnG=](https://scholar.google.com/scholar?hl=en&as_sdt=0%2C5&q=cantautor&btnG=) > Acesso em 20 set 2023

MALTA, Pedro Paulo. *Biografia do site oficial de Lenine*. Disponível em: <<http://www.lenine.com.br/biografia/>> Acesso em 15 jan. 2023

MOSTRA CANTAUtores. *A Mostra*. Disponível em: <<http://www.mostracantatores.com.br/>> Acesso em 15 jan. 2023

YOUTUBE. *Asa Branca*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/results?search\\_query=%22asa+branca%22](https://www.youtube.com/results?search_query=%22asa+branca%22) > Acesso em 20 set. 2023

\_\_\_\_. *Cantautor*. Disponível em: < [https://www.youtube.com/results?search\\_query=cantautor&sp=CAM%253D](https://www.youtube.com/results?search_query=cantautor&sp=CAM%253D) > Acesso em 20 set 2023